



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	Crack e mídia: construindo e/ou divulgando preconceito?
Autor	NATHÁLIA DUARTE BARD
Orientador	AGNES OLSCHOWSKY

A mídia tem produzido na população sentimentos de medo e indignação devido à divulgação de imagens de situações de violência relacionadas ao uso e tráfico de drogas. Tal fato tem reforçado o preconceito e o estigma junto aos usuários de crack, pois são vistos como pessoas perigosas, violentas, amorais e sem valores, que necessitam de controle social por meio de ações de segurança e punição. Temos o objetivo de identificar a imagem do usuário de crack veiculada pela mídia. Apresentamos recorte da pesquisa ViaREDE - Avaliação qualitativa da rede de serviços de saúde mental para atendimento a usuários de crack, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Estudo avaliativo, de natureza qualitativa, que utilizou como referencial teórico-metodológico da Avaliação de Quarta Geração, que tem suas raízes na vertente construtivista e responsiva, com abordagem hermenêutico-dialética. A coleta de informações ocorreu com quatro grupos de interesse (10 usuários, 11 familiares, 8 profissionais da equipe e 7 gestores) integrantes da rede de atenção em saúde mental, do município de Viamão/RS. Os dados foram coletados no período de outubro de 2012 e março de 2013, por meio de entrevistas e observações de campo e analisados pelo Método Comparativo Constante. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o nº 16740. O processo avaliativo evidenciou que a mídia noticia uma caricatura generalizada do usuário de crack, divulgando-o como delinquente, criminoso, vagabundo e doente. Esses fenótipos divulgados pelos meios de comunicação sustentam uma identidade virtual que se sobrepõe a pessoa, divulgando imagens distorcidas, transmitindo informações de amedrontamento (criminosos) e apelo moral (bem estar total). Na sociedade, essa situação repercute em necessidade de ações punitivas para o usuário de drogas, como prisão e internação. E, ao mesmo tempo, divulga um comportamento ideal de saúde, no qual o usuário de crack não seria um representante, ignorando que devem existir outros arranjos para os diferentes tipos de indivíduos, considerando às condições de vulnerabilidade social e desigualdades. A avaliação evidenciou que a adição à droga extrapola a visão reducionista, e que a mídia a revela cotidianamente em um perfil específico do usuário de crack que potencializa a construção de um rótulo de perigo social, reforçando o preconceito e o estigma. É necessário mudar essa imagem que promove a exclusão. A mídia, enquanto uma importante ferramenta de divulgação, facilitaria as ações de promoção e prevenção da saúde desprovidas de preceitos morais que classificam os sujeitos e suas práticas cotidianas como boas ou más.